

A AVALIAÇÃO DAS MELANINAS

João Francisco Basile da Silva

Revista ARCC 2004

A definição das manifestações melânicas nos canários de cor é regida atualmente pela teoria das três melaninas. Tal teoria passou a ser adotada pela OBJO a partir da reunião técnica realizada em 25 de janeiro de 1986 e dividiu as manifestações melânicas dos canários de cor em três tipos, a saber:

Melanina negra: chamada de eumelanina negra.

Melanina canela: chamada de eumelanina canela (que é a melanina marrom no centro das penas).

Melanina canela: chamada de feomelanina canela (que é a melanina marrom na borda das penas).

Com relação às duas melaninas marrons o manual OBJO resume da seguinte maneira: "Concluir de maneira definitiva pela existência de um ou dois tipos de melaninas marrons é nos praticamente impossível atualmente. O fato é que na estrutura das penas dos canários existem duas formas de manifestação destas melaninas, uma no centro e outra nas bordas das penas, e que mesmo podendo bioquimicamente ser as mesmas, genética e estruturalmente se comportam de maneira diferente". Independentemente de qualquer tipo de controvérsia, essa teoria é a que melhor explica as manifestações melânicas dos canários.

O presente artigo tem como finalidade tentar colaborar para que possamos definir mais claramente os critérios de avaliação das melaninas dos canários de cor, com o apoio evidentemente da teoria atualmente aceita.

Quando nos referimos às melaninas de um canário de cor, devemos sempre dizer à qual ou qual das melaninas está nos referindo, mencionando os termos "eumelanina ou feomelanina" de maneira a que não parem dúvidas sobre qual delas se fala.

Existe uma certa confusão quando nos referimos às melaninas marrons, pois como sabemos são duas e é absolutamente necessário quando se avalia, definir se falamos da eumelanina ou da feomelanina. Nos referirmos a uma delas apenas como "melanina marrom ou canela" é uma simplificação que deixa uma grande lacuna para interpretações e margem para que a indesejada subjetividade possa vir a acontecer. Isso porque dependendo da cor em questão o padrão de excelência ou qualidade pode exigir, por exemplo, a presença de uma e ausência (ou presença reduzida) de outra e vice-versa.

Com relação aos melânicos clássicos os padrões deixam poucas dúvidas com relação a essas manifestações. Nos melânicos mutados, principalmente os opalinos e pastéis as definições dos padrões de qualidade ainda permitem algumas interpretações abrindo espaço para que o indesejável componente pessoal possa vir a se manifestar.

Na avaliação dos canários melânicos é necessário definirmos num primeiro instante quais as melaninas que se deseja estarem presentes e quais as que são indesejáveis, uma vez que os padrões de qualidade nas diversas cores podem exigir manifestações melânicas diametralmente opostas (p. ex. feos e acetinados).

Uma vez definidas quais as melaninas desejáveis nas diversas cores, devemos estabelecer critérios para a avaliação das mesmas.

Com a finalidade de sistematizar essa avaliação devemos proceder de maneira análoga à que é utilizada no manual OBJO para avaliação do lipocromo. A importância e complexidade das melaninas exigem que sua qualidade seja avaliada de maneira menos simplificada do que é feita atualmente.

As melaninas devem ser avaliadas levando-se em conta três fatores que definem sua qualidade e que são interdependentes, a saber: pureza, expressão e distribuição.

A pureza diz respeito à ausência de fatores secundários de diluição e dispersão permitindo que as melaninas desejáveis (que devem ser previamente definidas) se aproximem o máximo possível da cor referência.

A expressão por sua vez diz respeito ao teor quantitativo das melaninas desejáveis. É bom lembrar que os padrões podem exigir teores quantitativos diversos para as várias cores (p. ex. um cobre deve apresentar máxima expressão de eumelanina negra, enquanto que um isabelino opalino deve apresentar mínima expressão da eumelanina marrom diluída e mutada - afetada pelo fator opalino -).

A distribuição diz respeito à área de ação das melaninas desejáveis, definindo o "padrão geográfico" da manifestação melânica, bem como definido o padrão de "envoltura" do exemplar.

Isso posto, podemos nos deparar com exemplares que possuam esses três fatores nas mais variadas gradações. Quando os avaliamos devemos nos perguntar em primeiro lugar quais as melaninas desejáveis (definidas pelo padrão de julgamento) e quais são as indesejáveis. O passo seguinte é avaliá-las levando em conta os três aspectos mencionados acima que são pureza, expressão e distribuição.

Um bom exemplo de como essa sistemática pode ajudar na avaliação das melaninas é o caso dos áгатas vermelho mosaico (conhecidos como "paulistinhas"). Ouve-se que tais canários, a despeito de sua indiscutível beleza, não seriam bons áгатas conforme define o Manual de Julgamento, pois teriam o desenho constituído por estrias muito largas quando comparados com o tipo tradicional.

À luz dos conceitos acima emitidos, podemos tentar entender melhor o que se passa com esses exemplares. Definimos primeiro que a melanina desejável é a eumelanina negra reduzida pelo fator conhecido como diluição, enquanto que a indesejável é a feomelanina. Com relação aos fatores que definem a qualidade melânica temos que, em relação à pureza, tais exemplares via de regra possui sua eumelanina negra livre de agentes secundários de diluição ou dispersão, fazendo com que o efeito visual resultante seja um negro vivo e brilhante sem qualquer tendência para tonalidades foscas ou acinzentadas. Em relação à expressão, como tais exemplares apresentam ausência quase total de feomelanina indesejável, o negro vivo e brilhante pode se manifestar em toda sua plenitude. No tocante à distribuição, temos ainda uma envoltura excelente de ágata (auxiliada pela já referida ausência de feomelanina), onde a eumelanina envolvente se mantém praticamente restrita à sub-plumagem permitindo grande manifestação lipocrômica no seu estado quase puro. O desenho dorsal, geograficamente falando se apresenta com estrias mais largas do que seria desejável, e isso acontece principalmente por dois motivos: ausência de competição com a feomelanina que "espreme" o desenho dorsal, e o fato de se tratar de um canário mosaico. Sabemos que a estrutura e o formato das penas dos mosaicos dificulta muito o aparecimento de estrias finas no desenho dorsal (quando o padrão exige desenho dorsal com estrias largas, os canários mosaicos atingem essa exigência com muito mais facilidade pelo mesmo motivo - ver os cobres e canelas vermelho mosaico).

Esse tipo de avaliação pode e deve ser feita em todos os canários da linha escura e as considerações acima devem ser feitas. Os três fatores acima devem ser considerados e assim poderemos ver com mais clareza que a qualidade melânica de um exemplar depende da interação desses fatores e do peso relativo de cada um. Os isabelinos que se foram objeto de controvérsias devem ser avaliados à luz desses conceitos.

Concluindo, na avaliação dos canários da linha escura devemos proceder da seguinte maneira com relação às melaninas:

Definir, de acordo com os padrões de julgamento em vigor, quais são as melaninas desejáveis e quais são as indesejáveis.

Avaliar as melaninas desejáveis de acordo com seu grau de pureza, expressão e distribuição.